

Robson Xavier da Costa  
Livia Marques Carvalho  
Madalena Zaccara  
Maria Betânia e Silva  
(Orgs.)

**IV DIÁLOGOS INTERNACIONAIS  
EM ARTES VISUAIS  
I ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP/NE**

***ARTE E POLÍTICA***

PROGRAMA ASSOCIADO DE PÓS GRADUAÇÃO  
EM ARTES VISUAIS UFPB/UFPE



2015

Dados internacionais de catalogação da publicação (CIP)

Catalogação na fonte:

Bibliotecária Joselly de Barros Gonçalves, CRB4-1748

A786      Arte e política : IV Diálogos Internacionais em Artes Visuais e I Encontro Regional da ANPAP/NE [recurso eletrônico] / [organizadores] : Robson Xavier da Costa... [et al.] ; Programa Associado de Pós-graduação em Artes Visuais UFPB/UFPE. – Recife : Editora UFPE, 2015.  
772 p. : il.

Inclui referências.

ISBN 978-85-415-0767-7 (online)

1. Arte. 2. Arte – Estudo e ensino. 3. Política cultural. I. Costa, Robson Xavier da (Org.). II. Universidade Federal da Paraíba. Universidade Federal de Pernambuco. Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais. III. Diálogos Internacionais em Artes Visuais (4. : 2015 ago. 04-07 : João Pessoa, PB). IV. Encontro Regional da ANPAP/NE (1. : 2015 ago. 04-07 : João Pessoa, PB).

700

CDD (23.ed.)

UFPE (BC2016-035)

# CONFRONTOS POÉTICOS E POLÍTICOS: o corpo e a cidade na performance urbana “cegos”

*Eduardo Bruno*  
(UECE)

*Marcelo Denny*  
(USP)

## RESUMO:

O presente artigo propõe uma reflexão acerca de Performances Urbanas, tendo como instrumento de diálogo o trabalho “Cegos”- Desvio Coletivo- SP. Tal obra será importante para debater as potências de desterritorialização e resignificação, do cotidiano, que a Performance Urbana pode possuir. Para refletir acerca desse tema, autores como: Marvin Carlson, Peter Pál Pelbart, Umberto Eco, entre outros, nos serão visitados. Desse modo, questões como: Qual o potencial da Performance Urbana como reconfigurado do cotidiano? Como ela pode contribuir para a construção de resistências ao biopoder? De que modo as rupturas com o cotidiano propõem espaços férteis para se repensar o indivíduo contemporâneo? Essas questões são mote para a realização do presente texto, não para simplesmente respondê-las, mas para junto a elas pensar a diluição entre a arte e a vida.

**PALAVRAS CHAVES:** Performance Urbana. Corpo. Cidade. Estranhamento visual. Cegos.

## ABSTRACT:

This article proposes a reflection on the Performance Urban having dialogue as an instrument of work “Blind” - Desvio Coletivo- SP. Such work will be important in order to discuss the potential of dispossession and reframing, daily, the Performance Urban may have. To reflect on this subject, authors such as: Marvin Carlson, Peter Pál Pelbart, Umberto Eco, among others, in will be visited. Thus, issues such as: What is the potential of Urban Performance as everyday reconfigured? How it can contribute to building resistance to biopower? How breaks with everyday propose fertile spaces to rethink the contemporary individual? They are tone for the realization of this text, not just answer them, but next to them thinking dilution between art and life.

**KEYWORDS:** Urban Performance. Body. City. Visual strangeness. Blind.

## Indicações do Percurso:

Como podemos conceituar a performance urbana? O que costumávamos entender como arte, parece que, na atualidade, vem sendo remodelado de tal modo que, muitas vezes, nos fogem as classificações. Para além dos padrões institucionalizados, os trabalhos artísticos atuais vêm sendo criados nos mais diversos espaços e dos mais variados modos. Sendo assim, pode haver performances urbanas silenciosas, barulhentas, relacionais, perigosas

(para o público e para o performer), realizadas por longos períodos de tempo, instalativas, solos, em coletivo etc. Trabalhos esses que para espectadores acostumados com as linguagens cênicas sedimentadas, algumas vezes, podem ser vistos como qualquer coisa e que não possuem sentido algum.

A performance urbana é um desses fenômenos artísticos que se constrói nas fronteiras, pois ao mesmo tempo que não é teatro, nem dança, nem música e nem artes visuais, se constitui na intercessão das linguagens artísticas expandindo fronteiras e criando novos territórios. Nessa perspectiva, a performance urbana habita o instável o movediço, aquilo que ainda está em construção, ou seja, o “espaço da precariedade”. Sendo assim, ao colocar-se na condição de instabilidade o performer propõem diante de ou com sua plateia, espaços férteis para a reconfiguração das relações inter-humanas e dos convívios sociais compartilhados. Esse fenômeno também é analisado pela pesquisadora Eleonora Fabião quando afirma que: “o performer investe na potência vital da precariedade, na condição de instabilidade, relatividade e indefinição em favor da permanente renovação de si, do meio e da arte”. (FABIÃO, 2011, p.66).

Assim, ao instalar-se na cidade e fazendo dela seu campo de realização/criação artísticas, o performer não apenas reconfigura seu estar na cidade, mas também os modos diversos como a cidade pode ser percebida, construída e ocupada. Apesar disso, a performance urbana investe no deslocamento e sobreposição de imagens para produzir estranhamentos visuais na urbe. Tal proposição produz universos de significação dos mais diversificados possíveis e no confronto com o cotidiano sedimentado, as performances urbanas “Contribuem para desenhar configurações novas do visível, do dizível e do pensável e, por isso mesmo, uma paisagem nova do possível” (RANCIÈRE, 2012, p.100).

Desse modo, sem pedir licença e nem autorização, a performance urbana coloca-se em constante confronto com os transeuntes, como a paisagem e com o cotidiano. Tais interferências propõem modificações nos segmentos da cidade e, assim, introduz fissuras provocativas ao cotidiano. Sendo assim, a performance urbana assume o confronto como seu habitat natural e a instabilidade como uma constância em suas proposições e realizações, o que lhe proporciona uma polimorfia aberta para os acasos e atravessamentos da cidade e do público- um constante devir.

## **1. Cegos e a ruptura com a paisagem urbana**

Como uma desses expoentes da performance urbana brasileira contemporânea, podemos apontar o trabalho “Cegos” do Grupo Desvio Coletivo- SP, não para criar ícones

ou modelos “corretos” de performance urbana. Tal exemplificação nos é importante para construir diálogos e perceber possibilidades estéticas e políticas da atuação artística na malha urbana.

O Coletivo é uma rede de criadores em cena performativa coordenado por Marcos Bulhões, Marcelo Denny e Priscilla Toscano. O grupo, que atua desde agosto de 2011, tem como principais trabalhos: Ação N. 1 (2011), Ação N. 2 (2012) e Pulsão, espetáculo performativo e relacional que cumpriu temporada em 2013 no teatro do Instituto de Artes da Unesp e na programação da I Bienal Internacional de Teatro. “Cegos” é uma performance do grupo que foi concebida, pelo também autor desse texto, Prof. Dr. Marcelo Denny em parceria com o Prof. Dr. Marcos Bulhões. Tal trabalho, desde outubro de 2012, vem sendo realizado em vários países, além de ter participado da edição Palco Giratório- SESC 2014, o que proporcionou sua execução em várias regiões do país.

Sua concepção toma como base os conceitos poéticos e políticos, já comentado acerca da performance urbana, para por meio de um estranhamento visual e rítmico se instala na malha urbana. Desse modo, pelas ruas das cidades, dezenas de homens e mulheres, em trajes sociais, cobertos de argila e de olhos vendados, caminham lentamente, interferindo poeticamente no fluxo cotidiano da cidade, reconfigurando a paisagem e o rítmico urbano.

A partir da ruptura visual que se constrói, seja pelo modo como essas pessoas estão vestidas, ou pelo modo como elas andam, a obra coloca-se no contra fluxo do cotidiano, expondo suas mecanizações, pasteurizações e padronificação. Em outra perspectiva, a performance urbana “Cegos”, além de instalar uma fissura no cotidiano dos passantes dos centros urbanos, também propõem uma desterritorialização da própria arte, pois ao se inserir na urbe rompe com a sacralização e descentraliza os espaços culturais e artísticos. Sendo assim, ao sair dos espaços institucionalizados para o uso cultural e colocando-se em confronto direto com o fluxo urbano o trabalho potencializa suas linhas de leituras, ampliando seus horizontes semânticos. Assim, a cada realização o trabalho é ressignificado devido a densa rede de interconexões que lhe atravessa em cada país, estado, cidade e até mesmo de uma rua para outra. Desse modo sua potência de transmutação será afirmada em cada realização e “por maior que seja o número de interpretações possíveis, uma ecoe a outra, de modo que não se excluam, mas antes, se reforcem mutuamente” (ECO, 2011, p.42) e assim.

Figura 01 – Intervenção na Paulista



Foto: Eduardo Bernardino – Avenida Paulista, SP- Brasil

Nessa perspectiva, por mais que queiramos aprisionar em algumas possíveis leituras - a redução da nossa existência à função produtiva e ao consumo, o excesso de trabalho, o aprisionamento e a petrificação da vida, a automatização do cotidiano, a degeneração ética que se alastra no atual estágio da sociedade- a obra escapa disso tudo e cria novos territórios em cada execução. Todavia, se for possível eleger um aspecto central de todos os questionamentos disparados pelo trabalho “Cegos”, podemos apontar que seja o debate acerca do exaurimento do corpo nas condições contemporâneas de coação, silenciamento e docilização. Essa conjuntura que constrói ressonância com os pensamentos filosóficos expostos pelo filósofo contemporâneo Peter Pál Pelbart, quando afirma que:

O corpo não aguenta mais tudo aquilo que o coage, por fora e por dentro. [...] que chamamos de civilização é resultado de um progressivo silenciamento do corpo; dos seus ruídos, impulsos, movimentos, arrotos, peidos etc. Mas também o que o corpo não aguenta mais é a docilização que lhe foi imposta pelas disciplinas nas fabricas, nas escolas, nos exércitos, nas prisões, nos hospitais, ela maquina panóptica. [...] Em suma, num sentido muito amplo, o que o corpo não aguenta mais é a mortificação sobrevivencialista (PELBART, 2007, p.62)

Trazendo à tona tais questões, a imagem de um coro performativo que se arrasta lentamente todo sujo de barro e vendado, promove uma desfamiliarização visual na urbe. Essa sobreposição da imagem dos performers sobre os espaços que simbolizam os eixos financeiros, políticos, educacionais, militares, em suma, espaços de pasteurização do corpo, nos parece ser a potência do trabalho. Esta colagem, corpo e cidade, promove



atravessamentos e entrecruzamentos que não obedecem uma ordem ou estrutura discursiva linear, mas fomenta debates e desestabiliza o cotidiano.

Sob esse paradigma, entretanto, cabe-nos afirmar que ao romper poeticamente com o cotidiano a performance urbana “Cegos” lança diversas perguntas, para a cidade, sobre as relações de poder presentes nos corpos contemporâneos. Então, de um modo primordial, podemos afirmar que a célula principal dessa performance urbana é o corpo? Esse corpo que contemporaneamente nos é roubado e colocado a produzir um cotidiano mecânico, útil e otimizado? Corpos esses que domesticados de dentro para fora, realizam ações por meio da produção do desejo, ou seja, de um biopoder?

Todavia, nesse caso, tais perguntas não precisam ser respondidas, pois nos parece que, ao respondê-las, entraremos reduzindo suas potências de incomodo. De todo modo, nos parece mais interessante que os questionamentos disparados pela performance “Cegos” se permaneçam no devir das perguntas e, assim, afirmem seu caractere de resistência ao comodismo.

### **Considerações Possíveis**

A performance urbana “Cegos”, desse modo, caracteriza-se como essa arte de fronteira que borra a hierarquia arte e vida. Alterando tanto os corpos participantes (performers), pois na realização de tal trabalho, os performers, modificam seus ritmos corporais que cotidianamente são mecanizados, quanto o dos passantes (público) que são confrontados com corpos que de modo expandido e poéticos são imagem de nossos copos dóceis e sócias.

Performances [...] desestabilizam mecânicas comportamentais, rotinas cognitivas e hábitos de valoração; porque desafixam sentido e desmontam convenções; porque inventam, através da execução de programas psicofísicos, novos corpos, possibilidades de encontros, agrupamentos e devires. (FABIÃO, 2011, p.66)

Sendo assim, a performance urbana, nos parece ser essa resistência poética contra as relações de poder cristalizadas. De todo modo, tal resistência não se estabelece de modo uniforme e nem com discurso didatizante, mas como um fenômeno que dispara questionamentos por meio de ações até vista como cotidianas, porém com qualidades outras de realização. Sendo assim, “podemos fazer ações sem pensar, mas, quando pensamos sobre elas, isso introduz uma consciência que lhe dá a qualidade de performance” (CARLSON, 2010, p.15)

É nessa qualidade da consciência, na quebra da mecanização e no questionamento do senso comum que nos parece ser a potência latente da performance. Sendo assim, a rua torna-se um espaço extremamente atraente, tendo em vista ser o espaço público um constante negociar de convívios, compartilhamentos e confrontos.

## Referências

- CABALLERO, Ileana. **Cenários Liminares: teatralidade, performances e política**. Uberlândia:EDUFU,2011.
- CARLSON, Marvin. **Performance: um introdução crítica**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- COHEN, Renato. **Performance como Linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 1997.
- ECO, Umberto. **Lector in fabula. A cooperação interpretativa no texto narrativo**. São Paulo: Perspectiva, Ed. 2º, 2011.
- FABIÃO, Eleonora. **Performance e Precariedade**. In: Antonio Wellington de Oliveira Junior (Org.). *A performance ensaiada: ensaios sobre performance contemporânea*. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora,2011.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 24º ed. Rio de Janeiro: Edições Graal,2007.
- GOLDBERG, Roselee. **A Arte da performance: do futurismo ao presente**. São Paulo: Martins Fontes, 1979.
- GLUSBERG, Jorge. **A arte da performance**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987.
- PELBART, Peter. **Biopolítica**. Sala Preta USP, São Paulo, v7. 2007. Disponível em:
- RANCIÈRE, Jacques. **Espectador Emancipado**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes,2012.

## Referências Digitais:

- <http://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/57320/60302> . Acessado em: 10 de outubro de 2014
- <http://www.desviocoletivo.com/> . Acesso em 19 de maio de 2015
- <http://www.sesc.com.br/portal/site/palcogiratorio/2014/>. Acessado em 21 de maio de 2015

### **Eduardo Bruno**

Possui graduação em Licenciatura em Teatro pelo (IFCE) atualmente cursa a especialização em Semiótica aplicada na (UECE), além de ser integrante do EmFoco Grupo de Teatro-CE. Tem experiência na área de Artes, com ênfase em teatro contemporâneo, atuando principalmente nos seguintes temas: arte contemporânea, arte relacional, performance, utilização de espaços não convencionais e intervenção urbana.

### **Marcelo Denny**

Professor do Departamento de Artes Cênicas da Escola de Comunicações e Artes da USP, responsável pelas disciplinas “Maquiagem e Caracterização”, “Atividades Acadêmico-Científico-Culturais I a V”, ministra as disciplinas “Cenografia e Indumentária I e II” e “Práticas Performativas”. Doutor em Artes Cênicas-USP. Diretor teatral, diretor de arte, cenógrafo, performer e pesquisador da área de visualidades da cena contemporânea.